

A resignação papal: Bênção ou catástrofe?

por Christopher A. Ferrara
26 de Fevereiro de 2013

Com a Igreja ainda a ressentir-se do que lhe sucedeu imediatamente, o que havemos de pensar da “aposentação” quase sem precedentes do Papa Bento XVI da dignidade petrina? Digo quase sem precedentes porque há um precedente que tem uma pertinência clara: o Papa S. Celestino V, o Papa canonizado cujo túmulo e relíquias o Papa Bento XVI [visitou em 2009-2010](#), o que é de notar, deixando o seu púlpito no túmulo [em Abril de 2009](#), como a assinalar o que agora fez.

Já apareceram três escolas de pensamento a referirem-se à abdicação do Papa Bento XVI. A primeira diz que é uma [catástrofe](#), porque reduz o Papado a um posto meramente terrestre, de cujo detentor pode simplesmente demitir-se a seu bel-prazer, como se fosse um gestor de empresa que se afasta para “tratar de outros interesses,” como as comunicações à imprensa das empresas tantas vezes dizem. Os inimigos da Igreja Católica, como é de ver, ficam deliciados com esta leitura do acontecimento.

Há um sentimento, entre os apoiantes desta escola, de que o Papa abandonou o seu rebanho; e, de facto, o Papa [teve o cuidado de declarar](#) precisamente que a sua decisão “não significa abandonar a Igreja,” mas antes “continu[ar] a servir a Igreja com a mesma dedicação e o mesmo amor com que o tenho feito até agora, mas de uma maneira mais adequada à minha idade e às minhas forças.” Mas não será isto admitir que o Papa fugiu à adversidade? Todavia, não podemos tirar conclusões apressadas.

A segunda opinião é que a decisão do Papa foi um acto de coragem pelo qual, aceitando humildemente as suas limitações, retirou-se para que um sucessor mais jovem e mais forte possa limpar uma casa que está assustadoramente desorganizada e cheia de corrupção. Neste ponto, é instrutivo o paralelo com o caso do Papa S. Celestino V. A incompetência desse santo Pontífice foi esquecida pela memória da Igreja porque, como aponta a *Catholic Encyclopedia*, ele era um “recluso inexperiente e simples de trato” que compreendeu que a sua presença no Trono de Pedro estava a prejudicar a Igreja.

Mas não se pode dizer o mesmo de Bento XVI, um intelectual com vasta experiência na burocracia do Vaticano. Contudo, a explicação racional para ambas as abdições papais parece ser a mesma, tal como foi expressa no decreto de abdicação do Papa S. Celestino V (referindo-se a ele na terceira pessoa): “O desejo de humildade, de uma vida mais pura, de uma consciência sem mancha, as deficiências da sua força física, a sua ignorância, a perversidade do povo, a sua nostalgia da tranquilidade da sua vida anterior.”

A terceira opinião, que eu apoio, não atribui a abdicação de Bento XVI a uma simples fraqueza perante a adversidade — um simples abandono da sua missão — nem ao nobre gesto de entregar as Chaves de S. Pedro a um chefe mais forte e mais capaz, para impedir mais males à Igreja.

Não, há mais. Como [já escrevi](#), este Papa, que ainda é capaz de fazer um [discurso improvisado de cinquenta minutos em defesa do Vaticano II](#), ao mesmo tempo que reconhece que o que lhe sucedeu foi desastroso, sabe que vem aí algo de mau, e que

foi ordenado pela Providência que o seu sucessor terá de o enfrentar. De facto, o mal já chegou há muito. Chegou pelas portas de bronze de S. Pedro, que abriram e fecharam o Concílio. Foi aquela “[verdadeira invasão da Igreja pelo pensamento mundano](#)” que o Papa Paulo VI admitiu que era uma consequência da “abertura ao mundo” monumentalmente imprudente do Concílio.

Concordo com Antonio Socci em que o Papa Bento XVI, tendo lido o Terceiro Segredo — a *totalidade* do Segredo, e não apenas a visão enigmática do “Bispo vestido de branco” sem a explicação da Santíssima Virgem — agiu com base de uma previsão que não está disponível para as restantes pessoas. Sabendo o que está predito na totalidade do Segredo, mas incapaz de revelar a sua parte oculta porque os seus “colaboradores” decidiram convenientemente que era não-autêntica e que o mundo ridicularizaria o seu conteúdo, o Papa agiu, apesar de tudo, com base no que viu à luz de Fátima.

A este respeito, [Socci cita](#) uma visão espantosa do Papa S. Pio X em 1909: “O que vi foi terrível! Serei eu, ou um dos meus sucessores? Vi um Papa a fugir do Vaticano, andando pelo meio dos corpos dos seus padres. Refugiar-se-á algures, incógnito, e depois de um breve tempo morrerá de morte violenta.”

Não será isso, essencialmente, o que vemos na visão publicada em 2000: um Papa fugitivo a ser executado num monte fora de uma cidade arruinada e cheia de mortos? O Papa Bento XVI sabe que o Segredo prediz, como ele nos avisou em 2010, “realidades futuras da Igreja que estão a desenvolver-se e a revelar-se pouco a pouco...”

O que saberá o Papa Bento XVI que nós não sabemos? Será ele o Papa que irá ser morto fora da cidade em ruínas, “depois de um breve tempo” escondido? O mundo irá sofrer em breve o castigo que a visão claramente ilustra? O sucessor de Bento XVI irá restaurar a Igreja e, finalmente, fazer a Consagração da Rússia que nos salvará?

Suspeito que saberemos as respostas a essas perguntas muito em breve. Saberemos que esta abdicação papal é, ao mesmo tempo, uma catástrofe e uma bênção, porque Deus nunca permite nenhum mal, a não ser que, respeitando o livre arbítrio humano, possa tirar dele um bem maior como finalidade: “*Por fim* o Meu Imaculado Coração triunfará.” E, de facto, foi o próprio Bento XVI, falando em Fátima, [que apontou](#) para esse triunfo — mas não durante o seu pontificado.